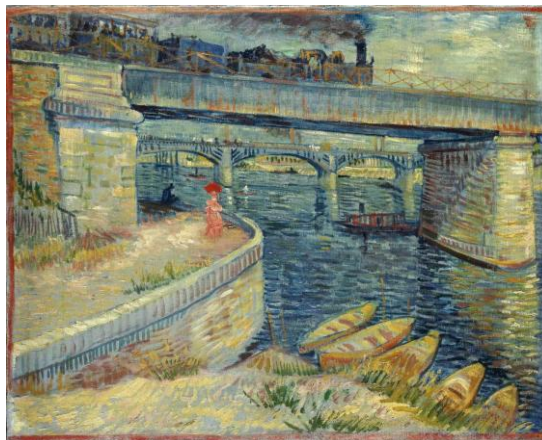


FILHOS QUASE ADULTOS: A DOR SILENCIOSA DE ATRAVESSAR A PONTE

Psicanalista Renata de Masi



Obra: Pontes sobre o Sena em Asnières, Vincent van Gogh, 1887.

Existe uma dor sobre a qual quase ninguém fala: A dor do filho quase adulto. Porque crescer parece bonito quando visto de fora, mas por dentro, amadurecer muitas vezes assusta.

Existe um momento da vida em que a casa dos pais começa a ficar pequena emocionalmente, não porque deixou de existir amor, mas porque o sujeito já não cabe mais ali da mesma forma.

Os horários apertam, as opiniões batem, os modos de viver começam a entrar em conflito.

O filho quer autonomia... mas ainda teme o mundo.

E os pais querem ajudar... mas também começam a cansar da eterna função de sustentação.

Então nasce uma das fases mais ambivalentes da existência: querer sair e ao mesmo tempo morrer de medo da saída.

Porque o filho quase adulto vive uma experiência emocional muito específica: ele percebe que já não é mais criança, mas ainda não se sente completamente capaz de sustentar a própria vida. E isso gera fantasias silenciosas:

- “E se eu fracassar?”
- “E se eu sair e precisar voltar?”
- “E se eu não der conta?”
- “E se eu escolher errado?”
- “E se eu nunca conseguir construir uma vida minha?”

Mas talvez exista uma fantasia ainda mais profunda e menos falada: “o que vai aparecer de mim quando eu estiver sozinho diante da vida?”

Porque atravessar essa ponte também significa descobrir:

- quanto de autoestima realmente existe dentro de si,

- quanto da própria força é real,
- e o que cada um fará com tudo aquilo que recebeu dos pais.

Talvez por isso essa fase seja tão emocionalmente intensa, porque o filho quase adulto começa lentamente a perceber: chegou a hora de transformar herança emocional em autoria, e isso assusta. Assusta descobrir que agora já não será mais apenas sobre aquilo que os pais fizeram ou deixaram de fazer. Agora começa a aparecer:

- o que ele fará com o amor que recebeu,
- com os limites que recebeu,
- com as dores que recebeu,
- com os recursos que construiu,
- e principalmente:
com o sujeito que conseguiu tornar-se.

No fundo, existe uma angústia silenciosa: “e se eu decepcionar meus pais?”, “e se eu decepcionar a mim mesmo?”

Porque crescer também é perceber que chega um momento em que não basta mais culpar, idealizar ou depender totalmente dos pais.

A vida adulta inaugura outra pergunta: “o que eu vou construir com tudo aquilo que me constituiu?”

Talvez uma das maiores angústias dessa travessia seja justamente a fantasia do retorno, porque quase todo filho quer crescer, mas nenhum quer sentir que “voltou para trás” e isso pesa.

- Pesa emocionalmente.
- Pesa narcísicamente.
- Pesa socialmente.

Ao mesmo tempo, existe outra verdade que quase ninguém admite: ficar eternamente na casa dos pais também dói.

Porque chega um momento em que o sujeito sente que:

- não decide totalmente,
- não sustenta totalmente,
- não inaugura totalmente a própria vida.

E aos poucos surge uma sensação difícil de nomear: a sensação de estar espremido entre conforto e paralisia.

Por isso essa ponte assusta tanto. Sair da casa dos pais nunca foi apenas uma mudança de endereço, é uma mudança psíquica. É descobrir:

- quanto custa viver,

- quanto custa escolher,
- quanto custa sustentar liberdade,
- e principalmente:
quanto custa tornar-se responsável pela própria existência.

No começo costuma ser estranho. O dinheiro não sobra, a rotina cansa, a solidão aparece, o famoso “vai com medo mesmo” começa a fazer sentido emocional. Mas existe algo profundamente importante nessa travessia: a construção da autoestima real.

Porque existe uma autoestima que nasce do elogio, e existe outra, muito mais profunda, que nasce da experiência concreta de perceber: “eu consigo sustentar minha vida.”

- Cada conta paga.
- Cada problema resolvido.
- Cada medo enfrentado.
- Cada escolha sustentada.

Tudo isso vai construindo um sujeito mais inteiro.

E talvez essa seja uma das funções emocionais mais importantes da vida adulta: descobrir que capacidade não nasce antes da experiência. Ela nasce durante.

Ninguém se sente totalmente pronto antes da travessia, é a travessia que constrói parte da força. Ao mesmo tempo, amadurecer também significa aceitar uma verdade difícil: os pais não estarão disponíveis para sempre da mesma maneira. E talvez por isso essa fase seja tão delicada.

Porque o filho começa lentamente a fazer uma operação psíquica dolorosa: transformar os pais de suporte externo em suporte interno.

Não significa deixar de amar, não significa afastamento emocional.

Significa que, aos poucos, a presença deles precisa deixar de ser apenas concreta para tornar-se também interna:

- nos valores,
- na ética,
- no jeito de amar,
- no jeito de enfrentar a vida,
- no jeito de continuar mesmo diante das dificuldades.

Essa talvez seja uma das tarefas mais profundas da vida adulta: aprender a sustentar a própria existência sem precisar abandonar emocionalmente aqueles que nos construíram.

Por isso a ponte dos “quase adultos” dói tanto.

Para os pais e para os filhos.

Porque crescer nunca foi apenas conquistar independência.

Crescer é suportar a mistura inevitável entre:

- medo,
- liberdade,
- perda,
- desejo,
- responsabilidade e construção de si.

E talvez amadurecer seja justamente isso: descobrir que a vida não começa quando o medo acaba.

Ela começa quando, mesmo com medo, o sujeito atravessa a ponte assim mesmo.